



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

DISCUSSÃO SOBRE A MEMÓRIA E O SIGNIFICADO DAS SENZALAS NO BRASIL

*BÁRBARA MARIA CAVALCANTI DE OLIVEIRA*¹

Resumo: O texto é um desdobramento do projeto de pesquisa de mestrado da própria autora, que parte de uma observação da existência de empreendimentos que adotam o termo senzala, desconsiderando o que essa arquitetura símbolo representa para a composição da sociedade brasileira. O desenvolvimento segue compartilhando uma breve varredura na historiografia para analisar como a senzala seguiu em pesquisas sobre o contexto da arquitetura e do urbanismo colonial. A discussão chega a apontar um caminho pela preservação do patrimônio cultural imaterial, tendo em vista que é uma arquitetura não mais tangível e justifica a preocupação com esse tipo de estudo em nome de uma reparação histórica por uma série de apagamentos e da necessidade de democratizar o conhecimento ao se afastar de possíveis distorções e romantizações dessa narrativa escravocrata.

Palavras-chave: Senzala, Patrimônio, Significado, Memória.

Esse estudo parte do projeto de pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado da autora, desde o semestre letivo 2019.1 e orientado pela dra. Gabriela Leandro Pereira, em desenvolvimento no Programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Sendo desdobramento do trabalho de conclusão do curso de graduação, defendido em dezembro de 2017, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitulado “*O reconhecimento das senzalas na conservação de engenhos*”, orientado pela dra. Natália Vieira.

A análise tem como ponto de partida alguns casos de empreendimentos que adotaram de alguma forma a memória da senzala, porém em muitos casos de forma superficial, distorcida, esvaziada e romantizada. Após a observação e levantamento de alguns desses, estabelecemos uma preocupação maior sobre a condução do significado dessa arquitetura histórica colonial escravocrata e de como ela pode ser transmitida para as próximas gerações, se continuar com as abordagens vigentes.

Até o presente momento, o projeto de pesquisa segue em processo de consolidação. A fim de entender mais como a história da arquitetura brasileira seguiu dando espaço para a senzala e questões relacionadas. O psicanalista martinicano Frantz Fanon (1961) colabora ao pontuar que “*o mundo colonial é um mundo compartimentado*” (p. 54), isto é “*um mundo cortado em dois*”, sendo essa separação a essência que seguiu

¹ Arquiteta Urbanista graduada pela UFPE e atualmente é mestranda pelo PPGAU – UFBA.
oliveira.barbara07@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

estruturando a sociedade, o urbanismo, a política e outros domínios, principalmente a forma de narrar a própria história brasileira, sendo que essa separação foi prosseguida de apagamentos, distorções e romantizações de fatos.

Reconhecemos que toda a pesquisa sobre essa arquitetura colonial escravocrata é desafiadora pela escassez de materiais bibliográficos, iconográficos e audiovisuais específicos, além do epistemicídio (desenvolvido mais adiante no texto). Porém, de toda forma se prioriza um estudo decolonial que conta principalmente com o apoio de autores negros, mesmo que de outros campos do conhecimento, mas que conseguem dialogar com esse trabalho, para o aprofundamento de conceitos e de toda essa perspectiva.

Por outro lado, a escolha da Universidade Federal da Bahia como campo de desenvolvimento da dissertação de mestrado, foi acertada consciente de que é uma das poucas no Brasil que oferecem abertura e profissionais qualificados que possam orientar e dar suporte mais aprofundado para pesquisas que envolvem questões raciais dentro da arquitetura e do urbanismo. Grupos de pesquisa como o *EtniCidades*, coordenado pelo Dr. Fábio Velame e o Grupo *Corpo, Discurso e Território*, coordenado pela Dra. Gabriela Leandro Pereira fortalecem o percurso de trabalho.

1. Inquietações iniciais: Empreendimentos ‘Senzala’

A apropriação e esvaziamento acontecem de modo proporcional a ausência de menções sobre a influência africana na cultura brasileira (ARAÚJO, 2017). Porém não se pode negar que “*a matriz cultural africana não é apenas influenciadora, ela é geradora. Ela está dentro de tudo. Cravada do tutano dos nossos ossos, ultrapassando a nossa pele e cravando-se na parede das nossas casas.*” (ARAÚJO, 2017. p. 16). Isto é, nosso país foi construído pelas mãos de pessoas negras, mas só restam fragmentos históricos e distorções sobre as violências às quais foram submetidos.

O Motel Senzala² na Zona Norte da cidade do Recife, não se trata de uma matriz ou filial de outro Motel Senzala localizado nem Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Esse

² Localizado na Avenida da Recuperação, 600 - Guabiraba, Recife – PE.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

empreendimento recifense está localizado próximo de uma concentração de territórios de classe média e alta. Além da escolha de suítes com os seguintes títulos “*Alforria*”, “*Zumbi*”, “*Quilombo*” e “*Pelourinho*”, o motel explora essa distorção através da ilustração de um corpo negro despido e de figuras de africanos, tanto na própria logomarca da empresa e na fachada externa, consolidando estereótipos racistas e hiperssexualizados sobre pessoas negras e diversas culturas africanas e afro-brasileiras. Existia até uma unidade itinerante que circulava pela cidade através de um caminhão.³

Além do caso perverso do Motel Senzala, na Zona Norte da cidade, onde também estão localizados alguns dos bairros mais privilegiados da cidade, é possível de encontrar uma série de edifícios residenciais que aplicam outros símbolos coloniais para enaltecer o poder da Casa Grande, e, conseqüentemente reforçar o esvaziamento da narrativa escravocrata, atrelada à violência e desumanização dessas pessoas durante os quase 400 anos de regime.

Já em Salvador um caso peculiar de apropriação do termo precisa ser estudado. E é nessa cidade que a autora já foi brevemente apresentada: à Senzala do Barro Preto, sede do bloco afro mais antigo do mundo⁴, Ilê Aiyê (Associação Cultural Ilê Aiyê). Diante dos próximos meses a autora deve investigar mais sobre a relação dessa arquitetura, seu contexto e significado nesse equipamento social e cultural de matriz afro-brasileira, localizado no bairro do Curuzu (já foi registrado como um dos que mais concentrava pessoas negras na cidade). Porém, o território em volta agora é alvo de um projeto de requalificação contraditório⁵ e que precisa ser considerado para não reforçar outras romantizações.

2. Destrinchando a senzala

³ Disponível em <<https://www.brasil247.com/geral/o-delivery-do-amor-ganha-as-ruas-do-recife>> Acesso em 24 de outubro de 2019.

⁴ Disponível em <<http://www.ileaiyeoficial.com/bio/>> acesso em 15 de outubro de 2019.

⁵ AUGUSTO, Jorge. A gourmetização do Curuzu, a prefeitura e o Ilê. Publicado em 02 de abr. de 2019. Disponível em <<https://www.bahianoticias.com.br/artigo/1077-a-gourmetizacao-do-curuzu-a-prefeitura-e-o-ile.html>> Acesso em 10 de out. de 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Afirma-se que a origem etimológica da **SENZALA** (sendo essa compreendida como o alojamento de africanos e descendentes brasileiros em condição de escravidão), utilizada nos engenhos, fazendas, arraiais de mineração e nas primeiras formações urbanas brasileiras, até o século XIX, veio a partir das **SANZALAS** que se tratavam essencialmente de ser um tipo de habitação coletiva de pessoas livres, encontrada em diversas regiões africanas. (WEIMER, XXXX. OLIVEIRA, 2017)

AZEVEDO (1990) compreende o termo 'senzala' a unidades de morada e não a um pavilhão composto por unidades menores. Porém a leitura como moradia deve ser contestada aqui em função de uma ênfase sobre o caráter dominante de alojamento e confinamento dessas construções, e não de habitação livre para africanos e descendentes até a abolição da escravatura. A condição de morar difere radicalmente da condição de alojamento, ainda mais com pessoas desumanizadas pelo sistema. A eficiência ia além dos materiais, pois existia todo um sistema condicionador:

[...]se percebe o quanto as escolhas dos materiais empregados e da própria técnica da taipa não garantiram por si só a clausura. Gomes (2006) leva em conta o estado debilitado dos escravos, que seguiam extensas jornadas de trabalho com pouquíssimos intervalos para descanso, e entende que isso os tornava fracos o suficiente para que não fugissem com tanta facilidade, além da vigilância dos capitães do mato. A "prisão" dos escravos estava mais atrelada a fatores de ordem psicológica e física, do que, então, construtiva. (OLIVEIRA, p X. 2017)

Como se deu esse processo de romantização do significado?

A leitura da romantização da história escravocrata nos conduz a tese da "democracia racial", que por muitos anos desvia a compreensão de grande parte da sociedade brasileira para uma narrativa embranquecida, em que as violências sobre as pessoas negras escravizadas foram contadas de forma amenizada. Abdias Nascimento (1977), com sua escrita navalha, escancara o perigoso argumento da mistificação da sobrevivência cultural africana, que *"postula o mito que a sobrevivência de traços da cultura africana na sociedade brasileira teria sido o resultado de relações relaxadas e amigáveis entre senhores e escravos."* (p. 66).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Como “*beatos desta tese*” (p. 66), responsáveis por “constituírem uma tradição no pensamento brasileiro” (p.66), Nascimento (1977) aponta Gilberto Freyre⁶ como o primeiro que estabelece esse mito nos anos 1930. Também menciona Pierre Verger⁷ nessa continuidade que até chegou no continente africano, inclusive demonstrando através de citações diretas do francês, extraídas de uma pregação feita pelo mesmo na Universidade de Ifé (VER ANO/ onde fica?).

Contudo, Nascimento (1977) é assertivo ao discordar dessa imagem harmoniosa delineada por essa escola de pesquisadores, já que eles “*não conseguem, entretanto, obscurecer a natureza brutal e racista do sistema escravagista, exceto para aqueles que têm interesse em não querer ver*” (p.68). Entendemos aqui a senzala como cenário de onde os africanos e seus descendentes brasileiros condicionados ao confinamento e ao trabalho forçado sobreviveram através de manifestações culturais, sendo essas utilizadas para “*provar um antirracismo brasileiro*” (p.68), mas “*elas são apenas resultados diretos dos mecanismos de controle social exercidos pelos senhores sobre seus escravos*” (p.68-69)

3. Senzala, da historiografia

Já a compreensão dela como patrimônio material, demandaria estudos arqueológicos que comprovem a veracidade das senzalas encontradas e registradas em inventários, ciente que muitas dessas construções foram feitas pelos próprios africanos condicionados ao sistema escravista (GOMES, XXXX. WEIMER, 2014), a partir da técnica inédita, trazida pelos saberes construtivos de regiões africanas e desconhecida pelos europeus: a taipa de mão (WEIMER, 2014).

⁶ Sociólogo, antropólogo e escritor, Gilberto de Mello Freyre nasceu no Recife, Pernambuco, no dia 15 de março de 1900. [...]Em 1933, publicou seu livro mais conhecido Casa-grande & senzala. Disponível em

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=272&Itemid=1> acesso em 25 de out. de 2019.

⁷ Pierre Edouard Léopold Verger (1902-1996) foi um fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês que viveu grande parte da sua vida na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, no Brasil. Disponível em <<https://www.pierreverger.org/br/pierre-fatumbi-verger/biografia/biografia.html>> acesso em 25 de out. de 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O que já leva a considerar a fragilidade, o que tornaria difícil a resistência dessa arquitetura ao longo dos séculos são relatos de viajantes da época, o que aponta para a compreensão que as senzalas demandassem reconstruções periódicas (GOMES, XXXX). Esterzilda Berenstein de Azevedo (1990), ao detalhar sobre o quadrilátero principal do engenho rural de açúcar, isto é, a casa-grande, a capela, a fábrica e a senzala, afirma que:

Seu arranjo sobre a topografia e diferentes materiais utilizados em cada um desses edifícios reflete a hierarquia social e o sistema de valores dessa sociedade. Num extremo, a casa-grande e a capela, geralmente construídas por especialistas em materiais nobres – pedra e cal -, situadas na parte mais alta do terreno; no outro, a senzala, minúsculas, construída em locais precários – terra, madeira, cipó e palha – localizada na parte mais baixa do terreno. Por esta razão poucas são as senzalas e até mesmo as fábricas que chegaram até nós (AZEVEDO. XXXX. p. 96)

Interessante perceber a ausência de registros maiores em pesquisas que envolvam engenhos do século XVI, fato assumido por Azevedo (1990), quando afirma que *“curiosamente, não aparecem referências as senzalas. Este fato se observa também na maioria das pinturas de (Frantz) Post relativas a Pernambuco, no século XVII.”* (p.103). Mais adiante, ao analisar a implantação do conjunto arquitetônico de engenhos do século XVIII, percebe que senzalas era geralmente formada por um corredor de cubículos voltados para uma varanda comum e que poucas dessas senzalas resistiram até o período que Azevedo tinha feito esse estudo. Já no séc. XIX, destaca os relatos de viajantes que destacaram as péssimas condições de salubridade e higiene, citando trecho de observação de Vauthier (que esteve em Pernambuco entre 1840 e 1846).

Existem estudos que apontam que algumas senzalas, principalmente as das fazendas cafeeiras paulistas, após a abolição da escravatura, foram reutilizadas após uma série de readequações, para funcionarem como moradias para os imigrantes europeus, livres e assalariados. Já as senzalas nordestinas desapareceram porque caíram na decadência, o que conseqüentemente acarretou o desuso delas (WEIMER, 2014)

Por fim, deve-se lembrar de que não existiu uma única forma de construir senzalas, considerando diversos fatores” [...] De toda forma, elas não mais encontradas atualmente com tanta facilidade, uma vez que de acordo com Weimer (2014) e Gomes (2006)



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

existiram duas fortes possíveis causas: a primeira ligada ao desuso após a abolição da escravatura; e a segunda associada à fragilidade construtiva desse tipo de habitação. (OLIVEIRA, 2017. p. 35)

Historiografia da arquitetura colonial urbana e a senzala

A autora iniciou essa investigação sobre o livro *Quadro da Arquitetura no Brasil*, de Nestor Goulart Reis Filho⁸(1976) e encontrou poucas informações sobre os espaços de confinamento e arquiteturas da escravidão negra, mas já reconhecia a presença de escravos na promoção de recolhimento de lixo, e esgoto (os “tigres”), transporte de água etc.

Como principais tipos de habitação urbana colonial, apresenta a casa térrea e o sobrado, ciente que *“os pavimentos térreos dos sobrados, quando não eram utilizados como lojas, deixavam-se para acomodação dos escravos e animais, ou ficavam quase vazios, mas não eram utilizados pelas famílias dos proprietários”* (p. 28). Goulart ao detalhar o tipo de habitação conhecido como chácara, destaca a Chácara do Unhão, na cidade de Salvador, *“construída no século XVIII e ainda hoje conservada, com sua majestosa residência, senzalas, embarcadouros, capela e até um grande serviço de abastecimento de água”* (p. 30).

Por fim Goulart ao concluir a ideia sobre a habitação urbana colonial, percebe que existia ainda uma forte proximidade aos recursos rurais e a todo contexto rural circundante, que se interligavam, sendo assim possível compreender os níveis primários de tecnologias nas cidades, que ainda exploravam a mão-de-obra escravizada. Mesmo durante o século XIX, e o ingresso lento de novas tecnologias e fontes de energia, resistia o uso da mão de obra negra e a destinação de porões altos para alojar os mesmos.

A abolição trouxe transformações nas implantações das residências urbanas, mas alguns usos e hábitos sociais seguiam fortes durante o século XX, como os porões, *“que*

⁸ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1955) e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1962). Atualmente é professor catedrático (titular) da Universidade de São Paulo.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ainda eram utilizados para a acomodação da criadagem” (GOULART, p.56). De modo geral, o livro segue apresentando e detalhando os processos das arquiteturas brasileiras ao longo dos séculos, destinadas às classes médias e altas.

4. **Senzala patrimônio cultural (i)material**

Considerando que é impossível reconstruir narrativas negras de uma forma completa, buscamos uma leitura dessa dificuldade partindo da essência da exposição *Assentamento*, da artista paulista e doutora em poéticas visuais, Rosana Paulino, pode-se perceber através da arte a complexidade de se buscar pesquisar sobre uma memória fragmentada. Em algumas obras ela utiliza a costura como forma de expressão que reflete justamente essa dificuldade histórica:

“Penso que estas pessoas tiveram que se refazer ao chegar a um mundo totalmente desconhecido de seu local de origem. Imagine, um dia, estar cercado de seus familiares, amigos e em outro estar em um navio negreiro, totalmente insalubre, com gente de variadas etnias e que não falam a sua língua. Ao desembarcar em terras estranhas, há ainda o trauma da escravização. Estas pessoas tiveram que se refazer, mas este “refazimento” nunca é completo! Sobram as marcas deste processo de adaptação, marcas estas que, muitas vezes, foram também transmitidas aos seus descendentes. Daí as costuras desencontradas, mostrando que um refazer-se completo é tarefa quase impossível” (PAULINO, Rosana. Entrevista para o PDF Educativo. 2013)

Antes de tudo é preciso destacar que acreditamos que a senzala tem um grande potencial para ser registrada como patrimônio cultural imaterial, tanto por ser um elemento crucial de composição do processo escravocrata rural e urbano, e imaterial pelo seu caráter não mais palpável, isto é, não mais tangível, graças a não resistência construtiva da taipa, ao longo dos anos. A fim de que seja preservada e sua memória seja repassada, mesmo indesejada, porém extremamente necessária para que seja possível promover efetivas transformações na sociedade brasileira. Mas esse quesito precisa ser aprofundado durante a pesquisa.

O Iphan define patrimônio cultural imaterial, alinhado aos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988, da seguinte maneira:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

“Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. (IPHAN. Patrimônio Imaterial. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> Acesso em 07 de out. de 2019.)

Nesse sentido, partindo da leitura de que a senzala corresponde a um bem cultural material, por ser arquitetura, e imaterial por não ser mais tangível e atrelado a uma percepção simbólica, talvez seja necessário uma ampliação do conceito de patrimônio que integre esse tipo indesejado, mas que não pode mais ser negado e distorcido para a transmissão de gerações e de princípios coletivos pelos direitos humanos. Algo que será estudado durante a pesquisa vigente.

Qual é a gravidade? Por que a senzala merece estudos mais responsáveis?

Suely Carneiro (2005) afirma que o conceito de epistemicídio pode ser tomado para compreender as diversas formas de vivências contraditórias de pessoas negras com relação à educação e principalmente sobre desigualdade entre raças. Chegando no Brasil, ela percebe que a primeira expressão partiu da Igreja Católica e prosseguiu durante boa parte da história, *“enquanto tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura, e condenação da disseminação de ideias”* (p.102); e após a abolição e instalação da República, o racismo científico se manifesta através de pesquisadores sobre populações negras, trabalhando com *“contenção, exclusão, assimilação na relação dos negros com os processos educacionais frente à sua nova condição de liberto indesejável como cidadão.”* (p. 102)

O epistemicídio nos ajuda a pensar também sobre como a história e a história da arquitetura foi conduzindo a senzala nas narrativas, em detrimento de outras arquiteturas de origens e poderes eurocêntricos. Como parte de uma história também indesejada, sobre violências e negações de humanidades para pessoas negras, a senzala seguiu gradativamente pouco estudada, e conseqüentemente sua abordagem distorcida e esvaziada e transmitida de forma romântica pela educação formal, pela mídia. A presença de empreendimentos como Motel Senzala, Restaurantes Senzala e outros



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

casos diretos e indiretos comprovam que essas narrativas seguem reproduzidas na sociedade pelos mesmos perfis.

“A história do epistemicídio no Brasil”, de acordo com Carneiro (2005) “é a história do epistemicídio em relação aos afrodescendentes” (p. 104). Ela entra na questão da educação e como esse conceito se articula quando percebe o “estabelecimento de ideias e discursos fundadores acerca da educabilidade dos afrodescendentes, que se articulará epistemicídio ao dispositivo da racialidade” (p. 104). Mais à frente defende que por esse conceito “são as desigualdades raciais naturalizadas no âmbito da educação que se apresentam como efeitos de poder” (p. 112)

Daqui se reafirma a importância da educação, principalmente a educação patrimonial e do turismo histórico trabalhado com o compromisso em narrar e revelar essa face indesejada como ela é, entendendo que os sentimentos provocados no público local, nos turistas e nos estudantes, que sejam de vergonha, dor, desconforto, sentimentos necessários para que a história da escravidão seja encarada através de suas cores reais e jamais reproduzida no futuro em novos formatos.

No presente a investigação passa por museus e memoriais existentes em Recife, como o Museu da Abolição, e em Salvador, porém se considera também ver outros além dessas fronteiras, como o Museu Afro Brasil, em São Paulo e outros que salvaguardaram fragmentos dessa memória. Nesse sentido chama a atenção a pesquisa desenvolvida pelo sociólogo e professor Stephen Small (2002), uma vez que ele investiga os museus de *plantations*⁹.

A partir disso Small encontra três categorias ou “estilos narrativos” (p.98) nessa representação das cabanas de escravos no Sul dos Estados Unidos e com possíveis variações dentro de cada: 1- A incorporação Relativa; 2- a marginalização; 3- Aniquilação simbólica. E percebe que “um pequeno número desses locais fornece detalhes e informações significativas sobre as cabanas de escravos” (p. 119). Small (2002) levanta

⁹ Antigas fazendas escravistas onde se praticava o latifúndio monocultor e geralmente voltado para a exportação. O modelo foi aplicado no Brasil e outras colônias nas Américas.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

uma questão interessante sobre as cabanas de escravos e por sua semelhança nos leva a considerar essa perspectiva no contexto de análise das senzalas brasileiras - uma ambiguidade:

“Cabanas de escravos são espaços ambíguos. Sob a escravidão eram lugares de controle social, diminuição de custos perseguição e violência sexual contra mulheres negras (SMALL, 2002 APUD JONES, 1986). Afinal, as cabanas de escravos foram criadas para o lucro, o poder e o engrandecimento dos senhores escravizadores e suas famílias, e não para o benefício ou o bem-estar dos escravizados (SMALL, 2002 APUD VLACH, 1993). Mas eram também um refúgio para os escravizados, e o ponto focal do protagonismo negro, incluindo a linguagem, a religião, a resistência e a rebelião” (p. 111)

Os esforços e descobertas revelam detalhes ocultados do passado colonial, que já não se sustenta mais exaltando elementos e narrativas eurocêntricas. Membros da sociedade, os avanços nas pesquisas acadêmicas, o trabalho de escritores e escritoras, de filósofos e filósofas, artistas plásticos etc. há décadas vêm abordando questões raciais como parte de uma grande luta de recomposição, de uma história dolorosa de seres humanos escravizados e que vieram por meio tráfico atlântico, apenas com seus corpos, e de uma narrativa violentada por quem vem detendo o controle da mesma. É uma luta contra a hegemonia e que visa o direito de ter a própria história.

Por exemplo, através da reportagem feita por Gustavo Werneck (201?), tomamos conhecimento de uma rara descoberta que vai contribuir nessa costura de fragmentos: Em Ouro Preto foi encontrada, em um porão utilizado no período da mineração como senzala, uma parede com desenhos talhados em baixo relevo e que ilustram cenas africanas, muito provavelmente foi feitos por alguma pessoa africana escravizada, e que lá estava confinada. Essa descoberta ocorreu durante a reforma do casarão histórico que detém esse cômodo. É um registro, uma documentação rara sobre marcas africanas registradas já em território brasileiro. A Fundação Palmares teve conhecimento do fato e vai solicitar ao IPHAN um estudo conjunto para aprofundar os conhecimentos.

5. O significado desdobrado por outras vias

Chegando na contemporaneidade, percebemos outras abordagens dessa memória. Além das menções do termo em títulos de empreendimentos diversos, espalhados por



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

todo o país, é possível perceber que a senzala passou a ser atrelada no imaginário a outras noções. Interessante aqui ver o cinema desenvolvendo o assunto: Foi anunciado em 2018 um documentário, sobre a relação da senzala com o quarto de empregada, intitulado “*Aqui não entra luz*”, no qual a cineasta paulista Karoline Maia:

“vai produzir um documentário de longa-metragem entrevistando historiadores, sociólogos, pesquisadores, artistas e pessoas que desenvolvem o trabalho doméstico. As gravações se darão nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Maranhão, escolhas feitas em razão do histórico escravista e de imigração forçada nesses locais”. RIGAMONTI, Amanda. Disponível em <<https://www.itaucultural.org.br/rumos-2017-2018-aqui-nao-entra-luz>> Acesso em 02 de out. de 2019.

Seguindo por esse percurso podemos chegar no livro *Quarto de Despejo* (1960), escrito por Carolina Maria de Jesus, que compara a favela com esse tipo de cômodo desumanizado de uma casa. Aqui temos uma percepção em escala urbana, mais especificamente de uma escrita de diários da própria autora e que partiu da Favela do Canindé, em São Paulo, nos anos 1950. Uma literatura interessante, honesta e que não passará despercebida durante o processo de elaboração dessa pesquisa sobre o significado das senzalas.

6. Considerações finais

Sendo assim, a pesquisa se dispõe a dialogar com os campos da memória, da sociedade, da historiografia e da preservação cultural, partindo da compreensão que a senzala é uma parte renegada, que essa negação direciona à manutenção de uma série de consequências incluindo a distorção do significado para dar vez a um esvaziamento, quando se pode trabalhar sobre a educação patrimonial executada de modo descolonizado a esse objetivo maior. Grada Kilomba (2019) afirma que “*não é somente uma imensa, mas também urgente tarefa descolonizar a ordem eurocêntrica do conhecimento*” (p. 53)

Acreditamos que para discutir a senzala, é imprescindível descolonizar a perspectiva e as práticas, se existe a pretensão de promover alguma transformação. Fanon (1961) defendeu que “*a descolonização, como sabemos, é um processo histórico: isto é, ela só*



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

pode ser compreendida, só tem a sua inteligibilidade, só se torna translúcida para si mesma na exata medida em que se discerne o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo” (p. 52). Justifica da seguinte forma:

“A descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade” (FANON, 1961. p. 52)

Por fim, essa proposta de projeto de dissertação visa trabalhar com estratégias para trazer o assunto assertivamente no campo da educação patrimonial. Ciente que o campo do patrimônio histórico deve dialogar com outros campos disciplinares, como a arqueologia, a sociologia etc. para que exista uma análise e resultados práticos mais eficientes, dentro do compromisso em combater gradativamente as distorções promovidas pelas narrativas hegemônicas.

Small (2002) conclui que *“um exame das cabanas de escravos é importante porque nos recorda do valor social divergente atualmente atribuído à instituição da escravidão e às suas estruturas físicas.”* (p. 119). E complementa defendendo que:

“uma reflexão sobre as cabanas de escravos e sobre a flagrante justaposição revelada por sua presença – tipicamente localizadas atrás e à sombra das casas grandes – é uma contribuição importante para a análise da memória coletiva e da perpetuação da racialização da sociedade estadunidense”

Em entrevista concedida à Carta Capital, a pesquisadora Patrícia Oliveira ao explicar qual seria a função social de um lugar de memória que carrega esse caráter trágico, afirmou que *“lugares servem para atestar algo, ou um fato, e ajudam a preservar a memória. Acredito fundamentalmente no papel importante dos lugares de memória na construção de uma sociedade mais justa, onde esses lugares atuem na reelaboração coletiva dos acontecimentos.”*¹⁰.

É possível perceber que os dois últimos pesquisadores citados seguem por um percurso semelhante ao que pretendemos desenvolver nesse estudo sobre a senzala e seu(s)

¹⁰ OLIVEIRA, Patrícia. Entrevista concedida à Carol Scorce. 03 de fev de 2018. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/educacao/liberdade-concentrava-forca-o-pelourinho-cadeia-e-o-cemiterio-dos-negros-na-escravidao/?fbclid=IwAR3MWzQbrMRv-KgvvggKgn_jkcZkQ35vhyUzD8IHr857U9XXP4UsaAgXsxpC> Acesso em 21 de out de 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

significado(s) no Brasil. Desde a forma que esse símbolo passou pela historiografia até ser abordado de forma contraditória por empreendimentos, passando por um olhar que a ressignifica diante de usos contemporâneos como o quarto de empregada pelo imaginário de uma sociedade fundada em bases escravocratas, sendo desmistificado através do cinema, da literatura e outras artes; ou sobre o modelo de encarceramento em massa aplicado, pensando no genocídio da população negra, no epistemicídio que nega a educação para mesma parcela. A pesquisa que segue em andamento acredita que pode ser mais uma contribuição nessa disputa de narrativas que visa uma reparação histórica.

7. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Arquitetura do Açúcar. Engenhos do Recôncavo baiano no período colonial*. São Paulo: Nobel, 1990

GOMES, Geraldo. *Engenho e Arquitetura*. FUNDAJ. Editora Massangana, Recife, 2006. 416p.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó. 2019. 248 p.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 3ª Reimpressão de 1961. Rio de Janeiro: Editora UFJF. 2015. (374 p.)

WEIMER, Günter. *Inter-Relações Afro-Brasileiras na arquitetura*. EDIPUCRS, Porto Alegre. 2014. p.173-206.

SMALL, Stephen. "E o vento levou": cabanas de escravos e escravidão no turismo histórico sulista nos Estados Unidos. *Memórias da África: patrimônios, museus e políticas das identidades*. Org Lívio Sansone. EDUFBA: Salvador 2012. (p. 91-119)

NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. 4ª ed. De 1977. São Paulo: Editora Perspectivas. 2018. 232 p.

CARNEIRO, Aparecida Suely. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese de Doutorado. Cap.3 - Do Epistemicídio. São Paulo. FEUSP, 2005 (p. 96-124)

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10º ed. De 1960. São Paulo: Ed. Ática. 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

PAULINO, Rosana. Exposição Assentamento. PDF Educativo. 2013. Disponível em <<http://www.rosanapaulino.com.br/blog/tag/assentamento/>> Acesso em 22 de out. de 2019.

IPHAN. Patrimônio Imaterial. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>> acesso em 07 de out de 2019.

AUGUSTO, Jorge. A gourmetização do Curuzu, a prefeitura e o Ilê. Publicado em 02 de abr. de 2019. Disponível em <<https://www.bahianoticias.com.br/artigo/1077-a-gourmetizacao-do-curuzu-a-prefeitura-e-o-ile.html>> Acesso em 10 de out. de 2019.

WERNECK, Gustavo. Escravidão no Brasil tem descoberta rara em Ouro Preto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aic0gb25hqU&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2d2cES9K_dOXad1OEyWCr0ez1bF7Z-cuE3YSDEZX10cQICxOruxpSKV6U> Acesso em 23 de out. de 2019.

ARAÚJO, Luis Gustavo Costa. Ensaio sobre violência, morte e arquitetura afro-brasileira. Anais do Seminário Salvador e Suas Cores 2017 Arquiteturas Afro-Brasileiras – Um campo em construção. UFBA. 2017.